

REVISTA HISTORAR

Lailson Ferreira da Silva

Doutor em Ciências Sociais – UFRN. Professor das
Faculdades INTA – (Instituto Superior de Tecnologia
Aplicada)

A LINGUAGEM COMO SINAL DIACRÍTICO ENTRE OS CIGANOS NA CIDADE ALTA

Resumo

Desde 1974, os ciganos da família Alves dos Santos moram no bairro Cidade Alta. À medida que estabeleceram residências fixas, passaram por um processo de transformação no que diz respeito a práticas culturais, consideradas pela população local como definidoras do “ser cigano”. Diante desse contexto interacional, contudo, mantém entre si um “sentimento de pertencimento étnico”. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar como entre os Alves dos Santos a “linguagem cigana”; se constitui como um demarcador de fronteiras étnicas entre ciganos e não ciganos em contexto situacionais.

Palavras-Chave: Linguagem cigana, Identidade, Família cigana.

Abstract

Since 1974, the gypsies of Alves dos Santos family live in the neighborhood High City. As established permanent residence, went through a process of transformation with regard to cultural practices, considered by locals as the defining of “being gypsy”. Given this interactional context, however, remains between them a “sense of ethnic belonging”. In this sense, the objective of this work is to analyze how between Alves dos Santos the “gypsy language”; is constituted as a marker of ethnic boundaries between gypsy and non-gypsy in situational context.

Keywords: Gypsy language, identity, gypsy family.

INTRODUÇÃO

As irmãs Zeiná Alves dos Santos, falecida no ano de 2008, e Zuleide Alves dos Santos, vieram *morar*¹ em casas alugadas no bairro Cidade Alta² na década de 1980; não retomando mais as andanças de um lugar para outro por períodos tão prolongados. À medida que as suas condições financeiras melhoram e a maior parte dos homens conseguiu empregos, construíram as suas próprias residências.

Cada uma chegou com quatro filhos. Os de Dona Zeiná, com exceção de Laertí, ainda moram na Cidade Alta: Diomédio, Bonfim e Laení. Enquanto os filhos de Dona Zuleide residem todos no bairro: Carnerim, Santos, Jucileide e Ducileide.

Atualmente, os Alves dos Santos³ residem em três ruas que ficam nas proximidades da Rua Francisco de Holanda Martins, que dá acesso a um dos pontos do bairro, conhecido popularmente como Vila da Paz. A única exceção diz respeito à casa de Iza Alves dos Santos, neta de D. Zeiná, que está localizada na Rua Joaquim Victor de Oliveira, conhecida pela população como Buraco da Jia. Ambas ruas são de fácil acesso e ficam próximas.

Nessas ruas os ciganos encontram-se divididos em oito residências não formados exclusivamente por ciganos, ou seja, há famílias compostas pela união de um cigano e um (a) não cigano (a). Como é o caso do Francisco Alves dos Santos, conhecido como Santim, que é casado com a Cláudia, não cigana. Sendo que estes, também não obedecem necessariamente à formação nuclear: pai, mãe e filhos. Ou seja, em três destas unidades não encontramos a presença da figura paterna.

Essas unidades de residências se caracterizam internamente pela presença dos pais enquanto aqueles que direcionam os fluxos cotidianos dos que ali habitam, seja controlando os horários dos filhos chegarem em casa, responsabilidade por suprirem a casa de alimentos, entre outros; e, externamente, pelo compartilhamento de assuntos que dizem respeito aos demais parentes.

Cada unidade residencial é autônoma para tomar as suas decisões. Ou seja, não há uma liderança que oriente a conduta dos indivíduos como acontecia no passado quando eram andarilhos.

Hoje, acabou. Não tem mais esse negócio de chefe. E se fosse ter, o chefe seria pelo

¹ O uso da categoria *morar* em vez de *sedentário* advém da forma como os próprios ciganos descrevem as suas relações com espaço. Nessas descrições, o *morar* é oposto ao *andar/viajar*. Para uma discussão mais densa a respeito dessa questão ver Ferrari (2010).

² O bairro Cidade Alta fica localizado a aproximadamente 7 km do centro da cidade de Limoeiro do Norte – Ceará.

³ O uso do sobrenome Alves dos Santos se faz necessário, pois na Cidade Alta moram outros ciganos que não pertencem a essa família. Estes são identificados pelos morados como sendo parentes de Seu Cabó.

mais velho. Era pra ser o Justino, né. Mas só que não é mais. Cada um é chefe de sua casa. Já aprendemos como vocês (Maria da Conceição Alves dos Santos, jul/04).

Nos primeiros anos, a adaptação à nova vida encontrou considerável resistência da população local, que não via com bons olhos a chegada dos ciganos, pois apesar de terem endereço fixo, os ciganos mantinham, como meio de sobrevivência, algumas práticas reconhecidas socialmente como compositoras da “cultura cigana”. Entre elas, podemos destacar que alguns homens ganhavam dinheiro com trocas de objetos⁴ e algumas mulheres colocavam baralho, tanto no centro da cidade de Limoeiro do Norte, como em cidades vizinhas.

Os ciganos também eram identificados pelos outros levando em consideração o fato de não corresponderem a padrões esperados para a vida em sociedade. Seus modos de comportamentos e roupas destoavam daqueles estabelecidos entre os moradores da comunidade.

As roupas assim, eles não tinham preocupação. A gente via calça rasgada sabe. Assim, era um povo assim que você conhecia fácil. Quando você via descendo o alto, por exemplo, a gente morava aqui em baixo; eles vinham descendo o alto, quando eles vinham descendo já percebia que era cigano. É um cigano. Era fácil você perceber certo (Antônio Nevildo Bessa, funcionário público, jul/09).

E eu digo assim, eu acho que hoje em dia eles já se, se vestem da maneira que nós se vestimos. Assim, não tem diferença nenhuma, de dizer assim, não ela é cigana. Eu acho que não. Mudou muito. Hoje eu vejo assim, mudança neles (Professora do bairro, jul/09).

Outro elemento que acirrava esse distanciamento social era uma linguagem⁵ “própria dos ciganos” utilizada juntamente com a língua portuguesa. Vale ressaltar que essa linguagem ainda é utilizada pelos ciganos, ainda que em menor intensidade. Para a população local, essa linguagem é um elemento que os diferencia.

A presença desses traços compositores de uma “ciganidade” associados à ausência dos padrões de comportamentos alimentava, diariamente, o preconceito em relação aos ciganos da Cidade Alta. Mediante a convivência com a população local, os ciganos foram, pouco a pouco, deixando de lado essas práticas culturais e organizando a vida cotidiana de acordo com modelos oferecidos pela população local.

É, aos poucos você vai. A pessoa vai observando que você vai mudando né? Porque você vai aprendendo a ler. Você vai vendo o comportamento daquela outra pessoa, o modo daquela pessoa vestir, o modo daquela pessoa falar. Aí você vai se acostumando com aquele modo né? Aí vai tendo aquelas mudanças (Francisco Alves dos Santos, cigano, set/09).

Segundo Erving Goffman (1963), a questão da aceitação é fundamental para aquele

⁴ É necessário destacar que nesse mesmo período alguns homens ciganos tinham empregos na cidade de Limoeiro do Norte.

⁵ A linguagem falada pelos ciganos na Cidade Alta é o *chibi*. De acordo com Ferrari (2010) o *chibi* dos Calon constitui um “repertório lexical” com palavras derivadas do romani e do caló falado por ciganos na Península Ibérica, acrescido já de palavras derivadas do português, o romani falado pelos Rom é uma *língua*, no sentido de um sistema formado não apenas por vocábulos, mas por uma estrutura linguística, ausente no *chibi*.

indivíduo ou grupo social que apresenta algum estigma reconhecido socialmente. Assim, muitas vezes estes procuram corrigir o seu “defeito” com o objetivo de serem vistos como uma pessoa comum. Ainda segundo Goffman, tal tentativa não leva necessariamente o indivíduo a esconder seu defeito.

Nos dias atuais, os homens trabalham em firmas localizadas no próprio município de Limoeiro do Norte ou municípios vizinhos. As mulheres cuidam do lar e dos filhos. E as crianças e adolescentes em idade escolar estão matriculados nas escolas do bairro ou do centro da cidade.

Levando em consideração as mudanças sociais pelas quais passaram os ciganos ao longo dos anos e do processo de interação na Cidade Alta, a população local os definem em termos de igualdade/normalidade.

Eu vejo que **são pessoas normais. Iguais a gente**⁶. E que eu não vejo assim muitas diferenciação (Argentina Maria Maia de Andrade, professora, jul/09). [grifos meus]

Normal, igual as outras pessoas. Como eu falei [aqui Solange fez referência a nossa primeira conversa, informal] que eu não sei se nem lembro que é cigano. Normal. Igual outras pessoas; o meu contato com eles. Apesar de eu saber que eles são ciganos. Mas só lembro que são ciganos quando falam que é cigano (Solange Freire Bezerra, autônoma, jul/09).

Por um lado, os ciganos também passaram a compartilhar desse discurso de normalidade, pois reconhecem que vivem de acordo com as normas de sociabilidades presentes entre os demais moradores. Por outro, reconhecem a permanência de preconceitos relacionadas ao fato de “serem ciganos”.

Os filhos estuda. Tem outros, que já ta formado. Têm formados a professor. Tem outros, trabalhando em hospital, enfermeiro. Então, a vida de cigano mudou muito depois que começou a morar. Não quer mais saber dessa vida de cigano. Eu quero é ser respeitada. Nós somos sere humano. Apenas temos o carma de ser cigano. Nós somo sere humano. Nossos filhos estuda, trabalha. A gente que ser respeitado. Assim, como os outros são. Que ser uma pessoa normal, como os morador são (Jucileide Alves Pereira, cigana, jul/04).

Isso nos leva a perceber que as relações entre ciganos e não-ciganos, na Cidade Alta, permanecem tecidas pelos fios do preconceito. Decerto, as resistências estabelecidas pelos primeiros moradores em aceitá-los como vizinhos foram vencidas. No entanto, é importante considerar que a vida não é fácil para quem se identifica e é identificado como cigano na Cidade Alta.

As pessoa tem muito preconceito ainda com esse negócio de cigano. Logo era que tinha. Agora não, já tão convivendo com a gente, já tão sabendo que a gente é igual. Só tem o nome de cigano. Mas é igual a qualquer outro aqui. Aí, o preconceito é menos. Mas, ainda tem muito preconceito. Tem muita gente daqui mesmo que vê a gente, chega assim

⁶ Os grifos são meus.

e fala com a gente e quando chega acolá não fala porque é cigano. Tem muito preconceito ainda, muito (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, cigana, jul/04).

Contudo, nos espaços das relações familiares os ciganos mantêm o “sentimento de pertencimento étnico” expresso por meio da memória e de suas histórias de vida como dimensões legitimadoras de sua identidade no presente, ganhando substância por meio da linguagem cigana. É sobre o papel assumido pela linguagem entre os Alves dos Santos na Cidade Alta que esse trabalho pretende se debruçar.

1. A LINGUAGEM CIGANA COMO SINAL DIACRÍTICO

Quando os ciganos conversam entre si é comum o uso da linguagem cigana. Nestas conversas, intercalam palavras dessa língua específica com as da língua portuguesa. E o outro, ou seja, os não ciganos ficam de fora. Vejamos alguns exemplos:

- “Vocês *rasquiaram* isso aí?”.
- “*Mijo lapidá!*”.
- “Vai derrubar a bicicleta do *juron*”.
- “Enquanto ele não *mardá* outro *juron*”.
- “Só pode *pinhá* muito”.
- “Se ela *buxadá*, fica *didilon*”.
- “Ele vei com a *jurin* Sabrina”.
- “O jeito dele é de quem tá *pinhado*”.
- “Tendo *radim*, eu não tenho medo de *calon*”.
- “Só fala em *siquedá*”.
- “É o *chaburem* que ela tá *cardan*”.
- “Ta pura a *chimbirá* de *piô*”.
- Quanto é o *chavon*?
- *Chinbassem* no meio dos *calon*?
- A *burnim* tem um sinal na *burtica*.

É também possível vê-los usando essa linguagem quando estão em outros espaços sociais da comunidade, juntamente com os não-ciganos. Mas essa prática não é recorrente, uma vez que nos primeiros anos de vivência na Cidade Alta, o uso dessa linguagem era um elemento que propiciava o distanciamento em relação aos ciganos.

Tem uma linguagem que às vezes eles se comunicam que a gente não entendia né? E aí isso formava um certo medo da gente também né? Porque de repente eles tavam falando mal da gente e a gente não sabia né? Aí, assim, a gente via logo aquela questão: os mais velhos diziam não confiem nessas pessoas quando elas falam nessa língua que a gente não entendia. Aí a gente ficava com medo (Antônio Nevildo Bessa, funcionário público/não cigano, jul/09).

A linguagem era motivo de desconfiança por parte da população não cigana, uma vez que, por não terem conhecimento desta, consideravam que os ciganos podiam, a qualquer momento, falar mal a respeito deles. Sendo assim, minhas observações sobre essa dimensão da identidade cigana foi tecida nos espaços domésticos, principalmente na frente da casa de D. Zuleide.

A calçada da casa de Dona Zuleide é o ponto de encontro dos ciganos nos finais de tarde, como também de algumas pessoas da comunidade que são amigos ou conhecidos da família. Vale destacar, que eu, pesquisador, tornei-me com o passar dos meses, um dos frequentadores assíduo desse lugar.

No início do trabalho de campo, sentia a necessidade de compreender o significado das palavras. Por isso, prestava muita atenção quando eles conversavam, bem como anotava na minha cardeneta aquelas que conseguia captar. De certo modo, isso criou um clima de desconforto por parte dos ciganos. Fazendo com que comentassem uns com os outros que estava anotando “a linguagem” na caderneta e/ou me perguntassem se eu entendia o que falavam na “linguagem cigana”.

Diante dessa pergunta, que com o passar dos meses se tornou recorrente, percebi que havia por parte dos ciganos uma forma de proteção, no sentido de que procuram manter o conhecimento dessa linguagem entre si. Sendo assim, ao indagá-los acerca dessa questão percebi que essa linguagem tem uma importância significativa para eles.

Uma defesa de qualquer coisa. Assim, às vezes uma briga. Se acontece alguma coisa com um menino nosso ali ou briga, ou mata, ou faz alguma coisa ali. Aí tem gente aqui. Aí imediatamente a gente conversa com os outro. Ali a gente se entende e sabe o zunzum que ta passando. Aí é uma defesa. [...]Ou então, se tem duas ou três pessoas aqui que não é cigana. Aí chega uma cigana. Chega Peteca ali (apontando para a casa da Peteca). Aí se tiver acontecido alguma coisa com qualquer menino. Aí a Peteca chega aí, fala comigo no meio das pessoas não-ciganas. Mas não sabe o quê ta me dizendo. Ela já ta me dizendo o que aconteceu (Zuleide Alves dos Santos, out/09).

Olhe, essa linguagem pra nós. Assim pra mim, ela tem uma importância sim, porque é o modo da gente de se comunicar sem você saber. [...] Por exemplo, se eu tiver aqui mais um irmão meu, mais minha mãe, um primo; nos pode falar aqui qualquer coisa que você não vai saber. Aí já é um modo da gente se comunicar sem outra pessoa saber né. Então, aí pra mim é importante, essa linguagem pra mim. É muito importante (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

A importância atribuída à linguagem refere-se ao fato de os ciganos poderem conversar entre si, sobre determinados assuntos, sem que sejam compreendidos pelos outros, ou seja, os não-

ciganos. Ou ainda, funcionar como uma forma de defesa diante de determinadas situações.

No primeiro caso, basta estar no final de tarde em frente à casa da Dona Zuleide para vê-los conversando usando algumas palavras nessa linguagem, sobre qualquer tipo de assunto: conflitos externos e internos, doenças entre familiares, comentários jocosos ou qualquer outra situação cotidiana. Mas como eles próprios dizem o seu uso está diminuindo cada vez mais com o passar dos anos, pois, diante do “tempo da morada” e da intensa mistura com os moradores da comunidade, ela não é tão necessária.

Porque agora nós tamo se misturando mais. Cada vez mais a gente tem menos coisa pra esconder. Ninguém tem nada para se defender. Nós não tem. Preciso se defender de vocês. Você não vão agredir nós. Vocês né. Aí ninguém tem. Essa linguagem nós tem no poder de Deus, pra se defender da polícia. Pra se defender dos coronel. Judiava. A gente. Aí a gente. Eu acredito que sim (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Mesmo assim, os ciganos veem a linguagem enquanto uma forma de conhecimento que não deve ser ensinando aos não ciganos, pois é um elemento que existe entre eles desde um passado distante.

Eu acho que é assim, eu acho que sim. Eu acho que por exemplo, você é uma coisa que eu sei e você não sabe, né. Como se assim. Como você, por exemplo, você é quase formado né Lailson? Aí como o seu sabe eu não tenho. Seu saber, né. Aí essa linguagem é uma coisa que eu sei e você não sabe. É a mesma coisa. Pra mim é a mesma coisa. É um saber que eu adquiri e você não sabe, né. Só que o seu saber se eu for estudar, eu posso aprender, né. E a minha linguagem não. Aí eu acho Lailson que, eu acho que deve permanecer assim. Eu acho sabe. [...] Não é que você não mereça aprender, entendeu. Não é que você não remeça. Mas eu acho que é uma coisa nossa. Lá do passado. E que é uma coisa, que uma linguagem nossa mesmo (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Ao se referirem a esse passado distante, os ciganos procuram explicar a origem dessa linguagem. O que para alguns é uma tradição que foi passada pelos ciganos antigos. Enquanto que para outros, essa linguagem é um dom de Deus.

Aí acho que isso aí foi uma coisa de Deus, dom de Deus. Porque eu acredito que sim. Porque não pode um povo criar uma linguagem de uma hora para outra, né. Isso é dom de Deus. Eu acredito que seja. Foi um dom que Deus deu pros ciganos (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Entretanto, não interessa aqui discutir se essa linguagem é uma tradição ou um dom, mas, que o seu domínio por parte daqueles que não são ciganos, faz com esta perda o seu sentido, isto é, a comunicação, sem que os outros os compreendam.

Não. Eu não ensino não. Eu mesmo não ensino não. Porque é você, se você ensinar essa linguagem você ta pulando fora da sua tradição. Que é proibido. Não pode. Se o importante dessa linguagem é eu falar e você não saber o que tou falando. Aí se eu for lhe ensinar né, perde o sentido (Iza Alves dos Santos, set/09).

Dessa forma, os ciganos mais velhos ficam irritados quando sabem que um não cigano está falando “a linguagem”. Ou então, quando os ciganos mais novos ensinam aos seus amigos algumas palavras. O que acontece porque muitos de seus amigos frequentam suas residências. Assim, é comum ouvirem alguma palavra e ficarem curiosos para saberem o significado.

Outros consideram que dentre o conjunto de palavras utilizadas com mais frequência, há aquelas que podem ser ensinadas aos não ciganos, sem que isso prejudique a comunicação interna. Sendo que tal posicionamento não é compartilhado pela maioria dos ciganos.

Não. Muitas pessoas já sabem essa linguagem. Várias pessoas sabem essa linguagem, pergunta e tal. Ninguém tem preconceito de ensinar não. Mas ensina. Não tem isso não. Não. Ninguém ensina tudo. Porque tem palavra que ninguém pode ensinar. Mas a maioria. Por exemplo, se você quiser aprender alguma coisa que eu posso lhe ensinar. Não muito (ênfase). Mas pouca coisa eu posso lhe ensinar (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Portanto, prevalece a “regra” de que a linguagem não deve ser ensinada aos não-ciganos, já que ela é própria do “povo cigano”.

Não. Eu mesmo não ensino não. O menino daqui tão dando de ensinar. Mas eu não ensino não. Porque não pode ensinar. É só pro povo. Só pros ciganos mesmo (Ducildeide Alves dos Santos, Santos, set/09).

A proteção que há em torno dessa linguagem revela uma estratégia de defesa em relação a um conhecimento que as outras pessoas da comunidade não devem ter acesso. Ao mesmo tempo em que representa a permanência do sentimento de ser cigano, mesmo que reconheçam que nem todos detêm o conhecimento suficiente sobre ela, principalmente os ciganos mais novos.

Se sente assim, na hora que eles querem conversar. Que não querem que ninguém saiba. Aí, eles se sentem ciganos, ainda. Mas não é todos que saiba não (fazendo aos ciganos mais novos que não têm conhecimento da linguagem cigana). Aqui não (Zuleide Alves dos Santos, Santos, out/09).

Aqui, a noção do sentir-se cigano é associada ao compartilhamento de um traço cultural ainda presente entre os ciganos mesmo após o momento em que começaram a morar. No dizer de Cardoso de Oliveira (1976), a “linguagem cigana” é um dos mecanismos utilizados pelos ciganos para exprimirem a sua identidade, tornando-se, portanto, um sinal diacrítico.

Isso faz com que os ciganos reconheçam sua diferença diante dos outros moradores da comunidade e, por conseguinte, demarquem sua singularidade étnica.

Até acho Lailson que os ciganos se diferencia dos outros nisso. Aí mesmo na linguagem. Outra coisa não é diferente. Só a linguagem que é diferente. Por a gente falar assim. Se não falasse assim, nem pensava em cigano. Agora eu pensando mesmo, analisando eu acho que o diferente que os ciganos têm de vocês só é essa linguagem. Não existe outra

coisa diferente de cigano não (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Uma diferença. Uma diferença, exatamente. Uma diferença. Por isso que eu digo que nunca vamos ser igual. Por isso, porque tem aquela diferença. Mas nós só comenta naquele caso ali, só no nosso meio. Quando tamo só nós, no nosso meio, entendeu. [...] Mas quando ta só nós, naquela conversa ali, só nós cigano, né. Por isso, que eu digo que nunca nós vamos ser igual completamente. Por isso que nós têm já aquela nossa linguagem, pouco (Francisco Alves dos Santos, Santos, Santos, set/09).

Goldfarb (2004), em seu estudo com os ciganos de Sousa, constatou que a linguagem entre aqueles grupos se constitui enquanto um elemento de diferenciação e, por conseguinte, de distinção política.

O cale, também chamado de “dialeto” ou “idioma cigano”, é tido como um elemento propiciador de identificação coletiva e da unidade grupal, capaz de fornecer uma diferenciação entre “ciganos” e “jurons”. Representam um elemento de identificação, que não resulta de uma diferenciação entre dois grupos, mas de uma seleção de elementos culturais que orientam a ação política da distinção (Goldfarb, 2004, p. 104).

De forma semelhante, os ciganos da Cidade Alta distinguem-se, objetivamente, dos outros através da linguagem. E isso reafirma-se diariamente quando os ciganos classificam os não-ciganos de *juron* e *jurin*⁷, bem como suas variações: “Vou perguntar a *jurin*”; “A *jurinzinha* Camila”; “Vai derrubar a bicicleta do *juron*”; “Tininha, mande o *juron* pra casa”. “Lá está o *juronzinho*”.

Para os ciganos, os não-ciganos são sempre os *juron* ou as *jurin*. Mesmo aqueles com quem têm contatos diários e frequentam suas casas.

Que o *juron* é, por exemplo, é uma pessoa que não é cigano. É que não é cigano. É o *juron* que a gente chama *jurin*. É o que a gente que diz feminino ou masculino, certo. *Jurin* é a mulher e o *juron* é o que é o homem. Que é o masculino e o feminino (Francisco Alves dos Santos, Santos, Santos, set/09).

Diante de tal constatação, alguns ficaram espantados com o fato de usarem constantemente essas duas palavras para designar os outros. O que para eles se reporta à ratificação da distinção feita entre ciganos e não ciganos na Cidade Alta.

Eu não imaginava não, que eu falava tanto esse negócio de *juron*. Então, eu acho que é como você diz mesmo. Eu acho que a gente sem querer sem perceber a gente ainda tem aquela diferença que cigano é cigano, *juron* é *juron*. Às vezes, a gente tem sem a gente perceber. Se a gente achar que tinha né. Não é da gente. Do jeito da gente (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Dessa forma, a linguagem cigana é diariamente (re) atualizada no espaço doméstico. Sendo

⁷ *Juron* e seu feminino *jurin* são palavras em chibi utilizadas pelos Alves dos Santos na Cidade Alta para identificar respectivamente os homens e mulheres não ciganos. A mesma denominação para os não ciganos foi encontrada por Siqueira (2012), Souza (2011), Silva (2010), Ferrari (2010), Goldfarb (2004) em seus respectivos contextos de pesquisa de campo.

uma forma de comunicação interna a família e, essencialmente um fator de distinção social diante da população local. Afinal, para

diferenciar-se é necessário dispor de símbolos inteligíveis a todos os membros de um grupo e aos grupos que compõem um sistema de interação. Deste modo, a identidade é evocada sempre que um grupo reivindica para si um espaço de diferença, que se liga ao resgate e autonomia e reafirmação das diferenças. Enquanto um conceito relacional, a identidade fixa atributos, uma vez que opera através de sinais diacríticos sentos, neste caso, a língua um importante símbolo de distinção (GOLDFARB, 2004, p. 106).

Essa (re) atualização dá-se por meio da oralidade, não apenas como um recurso fonético expresso por palavras, mas que traz em si histórias de origem, valores, tradições, práticas culturais, tornando-se, assim, uma vocalização da experiência de vida de sujeitos sociais. Por isso, a voz é uma possibilidade simbólica de representar heranças culturais e, por conseguinte a oralidade cumpre esse papel de transmissão (ZUMTHOR, 1997), sendo, portanto, fundamental para a permanência das “culturas das margens”, isto é, dos grupos sociais minoritários.

Nessa perspectiva, é preciso enfatizar que, na Cidade Alta, a população local, também reconhece que a linguagem cigana é um elemento diferenciação, que fica visível no momento em que os ciganos a utilizam na presença dos não ciganos.

Diferencia e chama muita atenção. Mais veem quando eles tão falando, quando eles estão entre eles. Eles falam mais, quando já tem alguém assim que chega eles. Já falam com eu falei normal. Como a gente começa a falar normal. Poucas palavras. Poucas palavras. Eles falam, mas é pouco. É diferente de quanto ta só eles. Eles falam assim. Às vezes ele fala e sabe. Parece que ele sabe que a gente não entende. Aí eles ficam falando. Eles ficam falando as palavras né. Aí as pessoas não entendem. Aí pronto, levam na brincadeira (Solange Freire Bezerra, não-cigana, jul/09).

Entretanto, apesar da linguagem ter essa dupla importância para os ciganos, não há internamente a sistematização de um ensino formalizado para sua transmissão. Ou seja, os ciganos mais velhos não reservam um momento do seu dia para ensinarem aos mais novos essa linguagem.

É preciso que se diga, que a maior parte dos ciganos mais velhos não sabe ler e escrever com desenvoltura. E que, no ano de 2009, quatro ciganas da família Alves dos Santos, Laení, Jucileide, Ducileide e Iza, ingressaram no EJA, Educação de Jovens e Adultos, em uma escola do bairro, com o propósito de suprirem esta carência. Algumas foram motivadas pelo interesse em tirar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH).

Ao conversarmos acerca dessa questão, os ciganos disseram que nunca ensinaram a seus filhos (as), netos (as) porque o seu aprendizado deu-se no cotidiano observando as pessoas mais velhas da sua família falar.

Não. Ninguém nunca me ensinou não. Nós ia aprendendo com os mais velhos. Os mais velhos foi falando. Eu fui observando, prestando atenção. É como se fosse na escola.

Fosse na escola. Você vai ouvindo ali e vai aprendendo. Nunca ninguém (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Essa linguagem eu aprendi assim, vendo os mais velhos né, falando. Aí a gente vai aprendendo. A gente nunca ensina pras crianças. Elas vão ouvindo e vão aprendendo (Jucileide Alves Pereira, set/09).

É... Essa linguagem, a gente não aprende não. Um filho meu cigano né. Um filho meu. Aí você já vai se criar com aquilo ali né. Aí aprende a falar com os outros (Zuleide Alves dos Santos, out/09).

Nesse sentido, é possível encontrar no dia a dia as crianças pronunciando algumas palavras na linguagem cigana. A exemplo: juron e jurin. Às vezes, isso é motivo de risos por parte dos mais velhos, uma vez que as crianças não sabem pronunciá-las com tanta desenvoltura. Em outros casos, as crianças perguntam aos seus pais sobre o significado de determinada palavra.

Diante dessa situação, indaguei-os se haveria uma preocupação no que diz respeito à continuidade desta linguagem, uma vez que de forma semelhante aos ciganos de Sousa, esta era uma linguagem basicamente oral, ou seja, não há nenhuma forma de registro escrito; além de não a ensinarem aos membros mais novos da família.

As respostas apontaram para pontos de vista diferentes. Alguns acreditam que ela esta fadada a desaparecer, pois a utilizam cada vez menos e os mais novos não têm interesse em aprendê-la, enquanto outros acreditam que essa linguagem sempre existirá, uma vez que as novas gerações irão observar os mais velhos falando e aprenderão.

Não. Não deixa não. Não deixa de existir não. Ela vai existir pra sempre. (Zuleide Alves dos Santos, out/09).

Ela sempre vai existir. Sempre vai existir. Por mais que a gente pare de falar, de pronunciar essas palavras. Os menino e começar a falar com uns ou outros. Mas ela sempre vai existir. Nunca vai. Ela nunca vai ser esquecida porque, por mais que venha nascendo os filhos da gente e os neto e ninguém vai ensinando. Ele vá pegando outro estilho de vida. Mas sempre vai ficar um que vai sabendo. Vai aprendendo, vai observando os pais da gente, um irmão. Vai observando a gente. Vai aprendendo (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

A maioria das palavras já têm desaparecido. Porque tem uns que não sabe né, o significado mais daquilo. Aí vai desaparecendo. Não todos. Mas geralmente os que moram. Os que vivem noutra vida; ta desaparecendo. Porque mesmo aqui na minha casa, que mora aqui. Você já viu a gente dizer. De tudo a gente sabia. Minha mãe sabia toda linguagem. De tudo que existisse no mundo ela sabia dizer. E hoje, eu já não sei. Porque com o tempo vai esquecendo. Não vai tendo aquela convivência. [...] Sabe porque, porque os mais velhos vão morrendo. E o mais novos não tão sabendo, né. Não sabe né. Aí quando vocês estudam não tem a. É a mesma coisa da linguagem cigana, não vai aprendendo, pronto. Mas quando... Vai esquecendo. Não vai aprender. Aí com o tempo vai esquecer porque não sabe, né. Os mais velhos vão morrendo. Aí os outros não vão aprender aquilo (Laení Alves dos Santos, set/09).

Como já foi mencionada anteriormente, no caso dos ciganos de Sousa (Goldfarb, 2004), a linguagem assume um papel central no sentido de que é utilizado como fator de diferenciação social junto à população sousense e, por conseguinte, de reivindicação da diferença. Logo, o seu uso é

mais frequente entre a maior parte dos indivíduos que integram os três grupos estudados por Goldfarb. Além disso, desde idade tenra, é possível encontrar mães ensinando e verificando a compreensão dos seus filhos em relação à linguagem.

Sendo assim, não temos como prever que caminhos a “linguagem cigana”, entre os ciganos da Cidade Alta tomará com o decorrer dos anos. Só podemos concluir que esta é um dos mecanismos reconhecidos pelos ciganos da família Alves dos Santos que cria um contraste (Barht, 1998) diante dos não ciganos, expressando, portanto, uma diferença.

A única diferença é que eles têm essa linguagem (fazendo referência aos ciganos mais velhos de sua família). É o que diferencia da gente. Só o quê diferencia é isso. Eu ouvi falando, aí eu me acho diferente (Djavan Alves Pereira, dez/09).

Dito de outra maneira, a linguagem cigana é um dos valores que organizam experiências de vida por meios simbólicos (Sahlins, 1997), levando os ciganos a se perceberem como diferentes dos não ciganos diante ou não de processos de interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocely. **Teorias de etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998. p. 187-227
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- FERRARI, Flôrencia. **O mundo passa: uma etnografia dos Calons e suas relações com os brasileiros**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo – USP, 2010.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1963.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2004.
- SILVA, Lailson Ferreira da. **“Aqui todo mundo é da mesma família”: parentesco e relações étnicas entre os ciganos na Cidade Alta, Limoeiro do Norte – Ce**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.
- SIQUEIRA, Robson de Araújo. **Os calons do município de Sousa PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Pernambuco, 2012.
- SOUZA, Virgínia Kátia de Arraújo. **“Ser domesticado e ser nômade: um estudo sobre identidade cigana no município de Cruzeta – RN**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- _____. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.